**BULLYING:** características e consequências na turma do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Jerusalém do Pau-Mulato.

RONNIE ROBSON TEIXEIRA DA SILVA\*

**RESUMO**

Objetivando analisar as características e consequências do bullying na escola campo, local onde este estudo foi organizado. Nesse contexto, o bullying é visto dentro de uma perspectiva que visa priorizar a análise do fenômeno para que sejam realizadas intervenções pedagógicas que minimizem ao máximo a prática estudada. Ao mesmo tempo em que o fenômeno era reconhecido no sentido mais amplo da palavra, foram evidenciados conceitos do fenômeno e a sua posterior inserção na realidade estudada. Partiu-se então, de um conceito geral amplamente divulgado do fenômeno e assim foi inserido na escola campo. A metodologia foi uma pesquisa de campo quantitativa e qualitativa com perguntas abertas e fechadas, fundamentada por uma pesquisa bibliográfica de vários autores, resultando na certeza que medidas efetivas de combate ao bullying devem ser tomadas para que as relações interpessoais sejam priorizadas no ambiente escolar, de modo que, respeitando as diferenças, os agentes causadores do bullying, passem a ser protagonistas no combate ao fenômeno.

PALAVRAS- CHAVE – bullying, educação, relações interpessoais.

**ABSTRACT**

This study was organized with the aim of analyzing the characteristics and consequences of bullying in the school field. In this context, bullying is analyzed from a perspective, which seeks to prioritize the analysis of the phenomenon, to be held pedagogical interventions that minimize the maximum practical study. At the same time the bullying phenomenon is recognized, in the broadest sense of the word, were evidenced concepts of the phenomenon, and its subsequent insertion into reality. The starting point was then a general concept, widely publicized and bullying was pen and closed questions, based on a literature search of several authors, resulting in the belief that effective measures to combat bullying must be taken so that interpersonal relationships are prioritized the school environment so that, respecting differences, the causative agents of bullying, should henceforth be protagonists in the fight against this phenomenon.

WORD- KEY: bullying, education, interpersonal relations

**INTRODUÇÃO**

É dentro do espaço escolar que a violência, conhecida como bullying, se revela. Mas, é prioritário compreender a violência em sentido amplo, para então, trazer à realidade escolar o fenômeno bullying. Segundo Michaud, violência é:

[...] “Violência vem do latim violentia, que significa violência, caráter violento ou bravio, força. O verbo violare significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem referidos a vis que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de uma coisa” [...]. (2001, p.8).

Apesar de ser uma definição etimológica, é bastante coerente e expressa exatamente a essência do fenômeno bullying quando utilizado para se entender o comportamento violento no ambiente escolar. Ressaltamos que o fenômeno bullying vem sendo discutido recentemente, porém, não devemos esquecer que a própria escola como conhecemos hoje, é uma invenção recente. Considerando que somente no Século XII, na Europa, surgiram escolas nos moldes que conhecemos atualmente, com crianças nas carteiras enfileiradas e professores ministrando aulas. Eram instituições mantidas pela Igreja Católica e ensinavam, não só aos nobres e seus descendentes, mas também aos que eram conhecidos como menos privilegiados. Esse modelo perdura até hoje, havia uma disciplina ferrenha, que repassava conteúdos básicos necessários para ter-se um avanço intelectual, mas limitava a expressão de sentimentos e ideias que não estivessem de acordo com as regras rígidas impostas pela Igreja Católica, e por mais que houvesse todo tipo de discriminação e violência, essa, muitas vezes é descrita como um comportamento normal na relação aluno/aluno e aluno/professor.

Então, o objetivo do ensino é sistematizar o saber acumulado pela humanidade e repassá-lo às gerações futuras.

A escola, como instituição de transmissão de conhecimento, é um ambiente que os mais variados tipos de seres humanos frequentam, surgindo no campo educacional a palavra adversidade, porém, nem todos estão alinhados ao objetivo principal de adquirir conhecimento para participar da evolução de toda a coletividade, ou no caso dos professores, de serem os responsáveis pela transmissão, de modo sistematizado e adequado do conhecimento, como já afirma Paulo Freire: “O professor além de ensinar, passa a aprender e o aluno, além de aprender, passa a ensinar”.(Freire, apud Becker, 1994).

Em virtude dos fatos expostos, fica evidente, que o bullying é, portanto, um fenômeno moderno, e como tal, é a geração atual que deve compreendê-lo, analisá-lo e combatê-lo. Fante afirma que:

A tradução literal do termo bullying significa ameaçar, intimidar, dar trote, fanfarronar e bravatear. Como não existe na língua portuguesa uma palavra capaz de expressar as situações de bullying, as seguintes ações podem estar relacionadas a esta prática: colocar apelidos pejorativos, ofender, zoar, encarnar, intimidar, tiranizar, assediar, amedrontar, discriminar e agredir. (FANTE, 2005)

O significado literal da palavra bullying, não retrata exatamente o que é sofrer ou praticar o bullying. Não podemos esquecer que não é de hoje que agressões verbais, como por exemplo, apelidos pejorativos acontecem nas escolas ou na nossa vivência cotidiana.

Neste artigo investigamos o fenômeno Bullying: Suas características e as consequências em uma turma do 6º ano da escola campo. Observamos notadamente que a prática do bullying não difere em sua essência daquela ocorrida em grandes centros urbanos, tornando o tema fascinante na medida em que as questões feitas anteriormente vão sendo esclarecidas.

A escolha deste tema justifica-se pela presença do fenômeno bullying observado na escola campo, havendo a necessidade de investigar os fatores que influenciam as crianças a se utilizarem de práticas ofensivas verbais e até mesmo físicas, juntamente com a necessidade de aprofundar, analisar, verificar e vivenciar as causas e consequências, além de encontrar formas de amenizar tais práticas, após a leitura de vários artigos, alguns livros e comunicação audiovisual. Estatisticamente, segundo reportagem intitulada “Bullying – Combates às agressões devem ser Constantes”, da revista Nova Escola (Setembro de 2011), reportagem de Camila Camilo e Mariana Queen o índice da prática deste fenômeno nas regiões brasileiras está dividido da seguinte forma:

NORTE: 6,2%

CENTRO-OESTE: 11,7%

NORDESTE: 5,4%

SUDESTE: 15,5%

SUL: 8,4%

O resultado da reportagem da revista citada acima, em forma de percentual, foi feito através de uma pesquisa de forma aleatória e não especificamente com todas as escolas de cada região. A mesma foi aplicada no contingente escolar de cada região.

Porém, neste estudo o objetivo é analisar as características e consequências do Bullying na referida turma e escola, assim como, investigar a influência e a interferência familiar na prática do bullying; questionar qual o preparo do profissional para reconhecer e combater a prática do bullying; além de identificar o que leva a criança e ao adolescente a praticar a violência (verbal, física e psicológica) no âmbito escolar. Segundo Resende & Soares:

A educação voltada para a formação da cidadania dos alunos deve ser crítica ao modelo que reproduz [...] “a marginalização, os estereótipos, a individualidade, a competição discriminatória, a intolerância com as diferenças, dentre outros valores que reforçam as desigualdades, o autoritarismo, [...]” (RESENDE & SOARES, 1997, P.33).

Nessa perspectiva, devem ser combatidas as formas de violência que demonstrem as reais facetas do que é irracional, enfraquecendo todo tipo de comportamento, onde haja um ou mais indivíduos que sofram às consequências da força malévola, que pode ser psicológica ou física com a prática de Bullying.Deve-se então, incentivar a promoção do ser humano, através de campanhas, onde a fraternidade deve estar acima de princípios políticos e realizar práticas metodológicas com atividades que fortaleçam as relações interpessoais e intrapessoais, que conduzirão à prática do companheirismo, fortalecendo valores éticos familiares, considerando que a família deve estar atenta a todo tipo de mudança comportamental em seus filhos, contribuindo para a prática de atividades solidárias como: Palestras sócioeducativas, campanhas contra vandalismo, entre outras.

Portanto, na escola é que se deve praticar o companheirismo, mas, os valores reais, devem vir de casa, pois, a família deve estar atenta a todo tipo de mudança comportamental em seus filhos.

Então, estudar métodos e medidas para fortalecer os laços de harmonia deve estar sempre presente na sala de aula e nos lares e não somente quando acontecem atos provocados por bulhes, pois, sem passar a verdadeira realidade e noção do fenômeno aos educandos, os valores éticos, responsáveis de confraternização mútua, são o mesmo que se omitir diante da violência nas escolas. Miller enfatiza:

[...] Comecei a perceber que as campainhas e o confinamento, as sequências sem sentido, a segregação etária, a falta de privacidade, a vigilância constante e todo o resto do currículo nacional e do sistema escolar foram planejados como se alguém tivesse decidido fazer tudo para que as crianças não aprendessem a pensar e agir a fim de torná-las dependentes. (MILLER, 1998).

A escola ao planejar ações, não leva em consideração o conhecimento prévio de seus alunos, promovendo mudanças de atitudes e comportamentais que impulsionem a prática do respeito às diversidades e opiniões de colegas e professores.

**PROCEDIMENTO METODOLÓGICO**

O método de pesquisa escolhido para direcionar o artigo foi discussão e argumentação lógica, por que ele entra em nossa realidade com sua ação mútua, a qual ocorre, no meio em que vivemos e nas mudanças que nele acontecem. A pesquisa terá uma abordagem quantitativa e qualitativa, uma vez que o objetivo desta pesquisa consiste em obter informações objetivas sobre as características e consequências relacionadas ao tema: Bullying: características e consequências na Escola Estadual Jerusalém do Pau-Mulato, no município de Itaubal, Estado do Amapá.

Na primeira etapa, foi feita uma pesquisa bibliográfica aprofundada necessária para aprimorar o método de interpretação que norteará os demais procedimentos. Neste sentido, a pesquisa será orientada por uma perspectiva de analise que reconhece a importância dos alunos, professores e pais no combate à prática do Bullying.

No segundo momento, foi realizada uma pesquisa de campo com levantamento e a sistematização de informações e dados através de questionários com perguntas abertas e fechadas, qualitativas e quantitativas, sobre o fenômeno bullying, direcionado aos pais, discentes e docentes da escola campo.

Feita a coleta dessas informações, as mesmas serão organizadas e sistematizadas e, juntamente com as leituras teóricas já analisadas, será feita a interpretação coerente acerca do fenômeno bullying, e posterior elaboração e complementação do artigo. Segundo Lakatos (2008, p. 110).

Métodos de procedimentos constituem etapas mais concretas da investigação, com finalidade mais restrita em termos de explicação geral dos fenômenos menos abstratos. Pressupõem uma atitude concreta em relação ao fenômeno e estão limitadas a um domínio particular. Nas ciências sociais, os principais métodos de procedimento são: histórico, comparativo, monográfico, estatístico, tipológico, funcionalista, estruturalista e etnográfico. (LAKATOS, 2008)

Estas etapas demonstram a importância de uma pesquisa de campo baseada em procedimentos, onde vão orientar os pesquisadores para alcançar resultados e concluir suas hipóteses. A pesquisa de campo utilizada neste artigo tem métodos de procedimentos como: histórico, comparativo e estatístico.

Na escola funcionam as séries iniciais do 1º ao 5º ano no turno matutino, e 6º ao 9º ano no turno vespertino. A pesquisa foi elaborada com o 6º ano do Ensino Fundamental, pois, além da diversidade de alunos é a série em que mais constatamos casos de bullying. Mais uma consideração é que estes adolescentes estão chegando das séries iniciais e, a relação entre eles não é tão intensa, além de que, pela primeira vez são vários professores que atuam, não havendo uma figura central que catalise as atenções, o que ocorria até o 5º ano do Fundamental I. Vale ressaltar, que é nesta série, nessa região, que alunos advindos de diferentes comunidades reúnem-se na referida escola, por se tratar de uma escola polo; termo que designa escola com Ensino Fundamental II e Ensino Médio, no regime modular.

**O FENÔMENO BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR**

Dentro do espaço escolar é onde a violência recebe a denominação bullying, e nesta concepção se busca ações em que o aluno e todos os envolvidos no processo escolar se tornem partes da escola, no sentido que, haja mudanças nas regras e métodos de tratar o fenômeno.

Resende e Soares (1997) afirmam que, deve-se então combater as formas de violênciaque nos mostram o que é irracional dentro do espaço escolar, diminuindo assim, todo tipo de comportamento onde estejam um ou mais indivíduos que sofram violências causadas pelo Bullying, que podem ser psicológica ou física.

Deve-se então, incentivar a promoção do ser humano, através de campanhas, onde a fraternidade deve estar acima de princípios políticos.Fante (2005, p.72), afirma que:

As escolas devem desenvolver no aluno o conhecimento e a reflexão sobre a existência do fenômeno bullying e suas consequências na própria realidade escolar, para que eles aprendam quais são as atitudes que favorecem o desenvolvimento do comportamento bullying e como evitá-lo, a fim de transformar a escola num ambiente pacífico que estimule o bom relacionamento sócio educacional, pois somente este conhecimento de como reagir acerca do bullying pode despertar no aluno a consciência crítica e o poder de transformar. O princípio, aqui proposto é fundamentado na solidariedade, tolerância e respeito às diferenças. (FANTE, p. 72).

Portanto, na escola é que se deve praticar o companheirismo, mas, os valores reais, devem vir de casa, pois a família deve estar atenta a todo tipo de mudança comportamental em seus filhos.

Fante no seu programa "Educar para a Paz", tem o objetivo de mostrar estratégias e atuar na intervenção e prevenção da violência escolar, adotando valores humanos. Então, estudar métodos e medidas para fortalecer os laços de harmonia deve estar sempre presentes na sala de aula e nos lares, pois, sem passar a verdadeira realidade e noção sobre bullying aos educandos sobre valores de confraternização, é quase que nada a fazer contra esta forma de violência nas escolas.

Miller (1998) demonstra no seu modo de agir e de pensar e nos leva a entender que as crianças não tiveram seus pontos de vista levados em consideração, suprimindo-as ao isolamento de decidir e pensar por si mesmas. Talvez este fato seja um dos motivos nos quais as crianças passam a se rebelar de forma violenta.

**A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL À FRENTE DO FENÔMENO BULLYING**

A escola, segundo Gatto (1998),

É uma sentença a 12 anos de prisão onde maus hábitos são a única coisa que realmente se aprende. A escola 'escolariza' muito bem, mas, na prática, não educa nada. Toda essa escolaridade, no entanto, é a preparação ideal para acreditarmos nas outras instituições que nos controlam, como por exemplo, a televisão.

A afirmação de Gatto (1998) se refere à maneira que a escola trata a educação. Este pensamento conclui que os alunos não aprendem, de fato, o que deveriam pôr em prática já que os educandários não possuem poder de persuasão entre os envolvidos, ou seja, não formam cidadãos críticos.

O fim da violência nas escolas deverá acontecer por meio da amizade, do respeito e do amor ao próximo, sendo assim, todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo. Com isso, os professores e alunos aprendem uns com os outros. Segundo Chalita (1999, p.9):

[...] é fundamental desenvolver, nas escolas, ações de solidariedade de resgate de valores de cidadania, tolerância, respeito mútuo entre alunos e docentes. Também é importante estimular e valorizar as individualidades do aluno, além de potencializar eventuais diferenças, canalizando-as para aspectos positivos que resultem na melhoria da autoestima do estudante. (CHALITA, 1999 p.9).

Assim, o convívio entre professor/aluno é de fundamental importância no que diz respeito à educação escolar e é nesse convívio com os colegas de turma que este ensinamento torna-se possível. Através da interação com os outros eles passam a conhecer seu espaço e limites e o espaço do próximo, havendo assim um respeito e uma forma de diálogo.

Os alunos desenvolvem o respeito e o amor principalmente nas aulas de Educação Física, através de brincadeiras que estimulam a socialização. Quando a criança chega à escola, inicialmente, os grupos lá existentes fazem uma espécie de peneira para selecionar os melhores, ou os mais populares e com isso há a exclusão e as mais variadas formas de violências. Acredita-se que tais formas de oprimir vão desde as verbais até nos últimos casos à violência física.

Segundo Fernandes e Oliveira (2006), o bullying verbal ocorre quando as vítimas são apelidadas, por ter um traço físico ou psicológico que as diferencie das demais e que o apelido dá uma ênfase de forma caricatural, fazendo com que os apelidos se espalhem pelo ambiente onde eles estão, neste caso, à escola, disseminando ainda mais as violências verbais. Desta forma os apelidos utilizados pelos autores do bullying atingem diretamente as vítimas expondo-as ao ridículo.

Pode-se notar que os indivíduos que sofreram assédio, são ridicularizados e que podem até mesmo se afastar do convívio social, levando-os ao isolamento, e tais atitudes podem transformá-los em seres que não se interessam pela interação com outros de sua espécie.

 Essas violências causam risos dos demais, fazendo com que as vítimas do bullying sejam alvos de piadas, na interação cotidiana escolar. Os autores afirmam ainda que se as escolas não tomarem medidas preventivas podem se tornar cenários de grandes torturas e sofrimentos para as vítimas do bullying. Portanto, cabe à escola desenvolver meios de socializar os alunos e amenizar a violência dentro da instituição. De acordo com Neto:

Todas as crianças e adolescentes tem, individual e coletivamente, uma prerrogativa humana de mudança, de transformação e de reconstrução, ainda que em situações muito adversas, podendo vir a protagonizar uma vida apoiada na paz, na segurança possível e na felicidade (NETO, 2005, p.13).

Baseando-se nesta afirmação pode-se conceber que apesar de nosso ciclo docente estar totalmente inserido nas práticas de assédio, deve-se fazer e encontrar formas de resgatar valores que hoje estão obsoletos em nossa sociedade. Ainda Neto, cita:

Torna-se necessário que as instituições de saúde e educação, assim como seus profissionais, reconheçam a extensão e o impacto gerado pela prática do bullying entre estudantes e desenvolvam medidas para redução dessa ocorrência. Cabe aos profissionais de saúde ser competentes para prevenir, investigar e adotar condutas adequadas para todos os afetados pelo fenômeno (NETO, 2005).

Por tratar-se de danos psicológicos que são causados por tais práticas surge à importância de como o profissional deve estar preparado para combater e de forma educada adentrar neste contexto, pois, parte de toda uma estratégia o tratamento contra esta doença que se não for combatida de forma eficaz irá infectando cada dia mais os seres que estiverem à mercê de seus efeitos. Sobre isso Gomide afirma que:

O ser humano quando privado de algumas possibilidades ou sentimentos, alterando suas perspectivas e decrescendo o valor de suas necessidades (privação do alimento, retirada do afeto ou dos cuidados parentais, provocação de dor física ou psicológica), resultará em um indivíduo com altos índices de agressividade, quando comparado com outro que vive em ambiente favorável (GOMIDE, 2000).

O ser humano estabelece uma forma de defesa quando está suprimido de suas necessidades físicas, mentais ou sociais, a partir do momento em que as pessoas se encontrem fora da sua zona de conforto, isto trará a necessidade de autodefesa, que notoriamente, é imprópria e inaceitável, mostrando-se agressivo. Dentro deste contexto, o ser humano passa a ter uma postura imprópria para o seu desenvolvimento afetando e comprometendo assim, todos os que estão a sua volta. Segundo Cury (1998), em sua teoria da inteligência multifocal:

“a memória é a caixa de segredos da personalidade. O que somos o mundo dos pensamentos e o universo de nossas emoções, são produzidos a partir dela. A personalidade não é estática e sua transformação depende da qualidade de arquivamento das experiências ao longo da vida. Na infância as zonas de conflito da memória são formadas, por isso, quando adultos, temos mais resistência às mudanças e para isto devemos ser flexíveis, pois nada é estático na psique, tudo pode ser superado e reconstruído” (CURY, 1998).

Tal afirmativa nos leva a perceber que quanto mais cedo ocorrerem às intervenções na esfera escolar, teremos mais chances de êxito na formação de alunos-cidadãos comprometidos com uma sociedade mais justa e igualitária.Para Fante (2005, p.9) o bullying ...

"estimula a delinqüência e induz a outras formas de violência explícita, produzindo cidadãos estressados, deprimidos, com baixa autoestima, capacidade de autoaceitação e resistência à frustração, reduzida capacidade de autoafirmação e de autoexpressão". Dependendo das situações geradas, pode proporcionar doenças psicossomáticas, transtornos mentais e psicopatologias graves.

A autora descreve que a delinquência induz a outras formas de violência como, por exemplo, apelidos pejorativos, provocaçõesexaberdadas até agressões físicas. Com a notoriedade deste fenômeno, estudiosos percebem a necessidade de introduzir nas escolas o combate ao Bullying. Desta forma, a socialização e integração entre as crianças e adolescentes é primordial para um bom desempenho escolar.

[...] A gravidade, é que esse padrão de comportamento adotado está longe de ser inocente. Trata-se na verdade, de um distúrbio que se caracteriza por agressões físicas e morais repetitivas, levando a vítima ao isolamento, à queda do rendimento escolar, às alterações emocionais e à depressão. (FANTE, 2005)

Tal condição é essencial para se achar os parâmetros éticos perdidos, tal como, valor familiar e estabelecer os bons costumes de nossos antepassados, adotando uma postura real para os valores morais e espirituais entre os seres humanos de maneira rápida e eficaz, já que aparentemente tudo o que é ruim e pejorativo é assimilado mais rapidamente pelas pessoas e colocadas em prática com a mesma velocidade.

Ao observar o cotidiano no ambiente escolar, pode-se constatar que são notórias as agressões que ocorrem, vão desde xingamentos até a própria agressão física. Ainda que conhecidas e que não sejam combatidas, já que aparentemente as famílias são ausentes, deixando as crianças e adolescentes sem obter a educação informal, aquela que se aprende em casa, com os seus, ou seja, empiricamente; enquanto que a escola, por sua vez não combate de forma clara e objetiva os problemas causados pelo bullying.

**DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Depois de elaborado o levantamento de dados, estes foram analisados, e detectamos os vários tipos de vítimas de Bullying. Conforme Fante, (2005, p.72), faz três distinções dessas vítimas, Vítima Passiva ou típica, vítima agressiva e vítima provocativa:

Vítima Passiva é aquela vítima que serve de brinquedo para os demais, onde elas não reagem a provocações e ficam constantemente sofrendo atitudes agressivas [...]. A vítima agressiva é aquela que reage a atos violentos e torna-se igualmente aos agressores, onde que, passando por situações de agressões na escola, busca alunos mais frágeis com o objetivo de transferir os maus-tratos sofridos [...]. E a vítima provocativa é aquela criança hiperativa, inquieta e geniosa que atrai e provoca ações agressivas [...] (FANTE, 2005, p.72)

Assim, entendemos que a vítima diferencia-se entre si, havendo casos, inclusive, que a vítima passa a ser o agressor, demonstrando cada vez mais, a urgência em se desmantelar este círculo vicioso.

No levantamento de dados fica bem evidenciado o papel dos alunos, da família e dos professores.

Na primeira questão da pesquisa de campo, foi perguntado aos vinte alunos se os mesmos recebem orientação por parte da família a reagir aos insultos sofridos na escola. 75% responderam que não eram aconselhados a reagir e os 25% restante responderam que recebem a orientação de revidar.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Segundo Pereira (2009, p.52):

A família é importante para a criança desde a tenra idade, pois a partir dela estruturam-se as bases da personalidade. É quando são incorporados os primeiros valores psicossociais que compõem os parâmetros da cultura a partir da relação do bebê com seus pais. (PEREIRA apud LEVISKY, 1997).

Baseado nessa teoria, a família é a base para a formação do cidadão, pois o caráter individual começa a se formar nos primeiros anos de vida, fase esta em que os passam a conviver com os colegas e se a família não orienta corretamente seus filhos, ele passa a se revoltar e praticar a atos que não condizem com as normas sociais vigentes.

Os alunos foram entrevistados sobre se eles já foram agredidos na escola. Dez desses alunos afirmaram que já foram agredidos. Enquanto que os outros dez não foram. 50% dos alunos já foram agredidos e os outros 50% não foram, nem de forma física e verbal.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Segundo Lopes Neto (2005), existem alguns fatores que facilitam para que alguém se torne vítima. Para o autor, esses fatores vão desde métodos educativos familiares até...

[...] a proteção excessiva, gerando dificuldades para enfrentar os desafios e para se defender; tratamento infantilizado, causando desenvolvimento psíquico e emocional aquém do aceito pelo grupo; o papel de “bode expiatório” da família, sofrendo críticas sistemáticas e sendo responsabilizados pelas frustrações dos pais. (LOPES NETO, 2005, p.S167).

A pré-disposição dos pais em proteger seus filhos até as últimas consequências, dificulta que seus filhos cresçam e tornem-se autossuficientes para enfrentar às dificuldades do dia-a-dia.

A pergunta seguinte foi se os alunos já haviam sido agredidos e se a família procurou saber o motivo da agressão. 80% dos alunos responderam que as famílias não procuraram a escola para saber o motivo, já os 20% restante afirmaram que sim.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

A família é responsável de acompanhar a vida escolar de seu filho já que ela é que instrui a criança. Pereira (2009 p.53) afirma que: “A família é uma das principais instituições de educação, cabe a ela investir nos jovens. Esta deve estar atenta ao que acontece com seus filhos...”.

Por isso que a família tem que estar por dentro de tudo o que acontece com seus filhos na escola, para conseguir assim solucionar problemas que muitas vezes não são tidos como anormais, como é o caso da violência.

No que tange a questão sobre se os alunos haviam cometidos agressões no âmbito escolar, obtivemos 65% de respostas negativas, ou seja, responderam que jamais haviam agredido algum colega na instituição. Os 35% restante informaram que já haviam agredido algum colega.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Agressões estas que se manifestam em forma de insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, tomar pertences, meter medo, atuação de grupos que tiranizam, ridicularizam e infernizam a vida dos outros alunos, levando estes a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais. Segundo Fante (2005):

[...] “é um comportamento cruel e intrínseco das relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar” [...] (FANTE 2005 p. 29).

Agressores são aqueles que vitimizam os mais fracos e podem ser de ambos os sexos, sendo assim, os mais fracos sofrem agressões dos mais fortes, e servem de brinquedos para os demais, o que acaba acarretando danos intrapessoais e interpessoais e na maioria das vezes irreparáveis.

Seguindo com a entrevista, esta foi diretamente para os sete que responderam que já haviam agredido algum colega na escola. Destes alunos, 57% disseram que receberam alguma punição de seus pais ou responsáveis e 43% responderam que não tiveram punição.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Segundo Pereira (2009. p. 53):

O ideal de família seria aquela em que predominasse o amor, o carinho, a afeição e o respeito. Mas nem sempre isso acontece. Nesses casos, muitas crianças e jovens se desvirtuam e passam a reproduzir o que aprendem com seus familiares. Seja reproduzindo a violência sofrida em casa, seja reproduzindo formas de educação deturpada, em que se combate a violência com violência. (PEREIRA, 2009).

Quando se fala em punição, deixamos claro, que não é física e sim aquela que instrui os seus a serem crianças respeitosas aos seus semelhantes. Para Pereira, se a família não der exemplos positivos a seus filhos eles tornar-se-ão os verdadeiros agressores no âmbito escolar, e seus pais não conseguirão repreende-los de forma adequada.

E finalizando o questionário com os alunos, a última pergunta foi aberta, e indagamos qual era a opinião dos alunos acerca de o que leva uma criança a praticar atos de violência na escola. Para esta pergunta, tivemos respostas surpreendentes, como a falta de informação sobre o fenômeno bullying, a diferença social e até mesmo reposta como a falta da merenda ou a pouca fé das pessoas.

A próxima fase da pesquisa é diretamente ligada à família dos alunos, onde foram elaboradas cinco perguntas fechadas para dez pais dos vinte alunos pesquisados.

A primeira pergunta foi para avaliar a participação dos pais na vida escolar dos filhos. Nesta questão, oito pais responderam que sim, e dois, responderam que não de forma negativa.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os pais dos alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

A família deve estar em constante contato com a escola e alerta para com os seus filhos. PEREIRA (2002 p.81) “[...] Também os pais devem ser incluídos no sentido de desenvolverem atitudes e comportamentos positivos para reduzir o bullying [...]”. A participação dos pais, desde que seja de forma adequada e que garanta o suporte social, econômico e psicológico pode transmitir à criança maior conforto em sua vida.

Seguimos perguntando, se os pais tinham o conhecimento sobre o fenômeno Bullying. Exatamente 50% dos pais responderam que conheciam e 50% desconheciam.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os pais dos alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Pereira comenta Fante (2005) e Lopes Neto (2005) que dizem que:

“O bullying pode se manifestar com duas formas de agressões. A agressão Direta e a Indireta, e que a segunda é a forma que mais provoca danos psicológicos em suas vítimas e de mais difícil detecção. Conforme os autores a forma direta inclui agressões físicas (bater, empurrar, tomar pertences), enquanto que as agressões indiretas incluem a agressão verbal (apelidar de maneira pejorativa e insultar) e a psicológica (meter medo, constranger, intimidar, fazer gozações e acusações injustas, assim como ridicularizar e infernizar a vida de outros alunos)”. (PEREIRA 2009 p.48)

A afirmação de Pereira demonstra o quanto o fenômeno bullying pode ser prejudicial na vida de um estudante, e que o tipo mais grave de agressão é justamente a psicológica, onde debilita o consciente da vítima e faz com que a mesma se isole do mundo. A família e a escola, muitas vezes não conseguem entender os motivos deste isolamento, tornando assim, mais difícil a percepção da agressão, pois a vítima, já se sentindo coagida, tem medo de falar o que acontece.

Em seguida perguntamos se a escola já havia informado em algum momento, se o seu filho tinha sido vítima de algum ato de violência. Oito pais responderam que nunca foram informados pela escola sobre tal problema, apenas dois pais responderam que sim.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os pais dos alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Para que pudéssemos aprofundar ainda mais a respeito de agressores e agredidos, a questão seguinte foi, se os pais tinham alguma informação da escola que seus filhos tivessem agredidos algum colega. Recebemos 100% de informação que não, nunca seus entes haviam agredido alguém.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os pais dos alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

As duas questões podem ser referenciadas por Pereira (2009 p.56) “É papel da escola, buscar entender os fatos e buscar conhecer como estes se manifestam intervindo para, pelo menos, reduzir sua incidência e proporcionar um ambiente mais salutar aos seus alunos”.

É necessário que a escola, sabendo identificar as várias formas de agressões, informe aos pais sobre o que acontecem dentro da mesma. Estas informações têm que ser específicas para cada tipo de violência sofrida ou praticada dentro do âmbito escolar.

Terminando a segunda fase da pesquisa de campo, indagamos os pais sobre respeito ao ser humano, e se conversavam em suas casas sobre o assunto. Neste momento, sete pais responderam que conversaram e três responderam que não.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os pais dos alunos da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Segundo Minayo (1999) citado por Pereira (2009):

[...] a família é o lócus da política, misturada no cotidiano das pessoas, nas discussões dos filhos com os pais, nas decisões sobre o futuro, que ao mesmo tempo tem o mundo circundante como referência e o desejo e as condições de possibilidades como limitações. Por tudo isso, é o espaço do afeto e também do conflito e das contradições. (PEREIRA, 2009)

A família exerce sobre a criança, o adulto que ela deverá ser. Não basta apenas dar o sustento de cada dia, achando que isso é o bem necessário para sua vida, esquecendo-se de passar informações básicas como o respeito e o amor ao próximo. Tais condições são essenciais para garantir a formação do indivíduo.

A etapa final desta pesquisa foi diretamente a dois professores da escola. Foram sete questões elaboradas aos mesmos, sendo quatro fechadas e três abertas.

Inicialmente a pergunta foi se o profissional sabe o significado do termo Bullying e obtivemos 100% de respostas positiva.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os professores da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Lopes Neto (2005) afirma que:

O bullying compreende todas as atividades agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angustia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. (LOPES NETO, 2005, p. S165)

O profissional deve ter informação apropriada sobre o fenômeno, para exercer e executar integralmente estratégias, na tentativa de coibir e até dizimar a prática do bullying na escola.

Questionamos aos professores se eles tinham presenciado atos de violência na escola, principalmente em sala de aula. Novamente foram unânimes as respostas positivas.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os professores da escola Jerusalém do Pau-Mulato

 Para Pereira (2009, p. 55) enfatiza que: “[...] os professores não recebem uma formação adequada para evitar e controlar os comportamentos problemáticos ou agressivos dos jovens. Sua intervenção privilegiada, na maior parte das vezes, limita-se à punição.” Os professores quando presenciam as agressões que acontecem na escola, não conseguem assimilar imediatamente qual a gravidade que o ato representa, sendo assim, o profissional aplica uma punição e não utiliza estratégias para reparar os danos causados pelo bullying.

Seguindo a mesma linha de raciocínio da questão anterior, se presenciou atos de violência o profissional interveio? Novamente os dois professores responderam que sim.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os professores da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Paredes, Saul e Bianchi (2006, p.27) citam Levisky (1998). Segundo Levisky:

[...] “quando a violência é banalizada ou não é identificada como sintoma de patologia social, corre-se o risco de transformá-la num valor cultural que pode ser assimilado pela criança e pelo jovem como forma de ser, um modo de autoafirmação” [...]. (PAREDES, SAUL E BIANCHI. 2006 p. 27).

Para que não aconteça tanta violência na escola, é necessário que a coordenação e professores da escola não deixem que o bullying torne-se algo banal, como se fosse habitual os acontecimentos dentro do ambiente escolar, por isso que os professores têm que encontrar meios de intervir e amenizar a situação.

E para especificarmos ainda mais as questões anteriores, questionamos de que forma ele interveio a respeito da violência com uma pergunta aberta. E as respostas foram: “procurando amenizar a situação em questão” e o segundo profissional respondeu: “Conversando com as crianças, procurando saber como aconteceu, por que e quem os incentivou a agir de tal maneira. Com isso, surgiu a oportunidade de se desenvolver temas transversais, para incentivar os alunos da escola a agirem de maneira diferenciada”.

A última questão, de cunho fechado foi: você acredita que o Bullying pode ser banido das escolas? Um professor respondeu que sim e o outro que não.

Fonte: Pesquisa de Campo realizada com os professores da escola Jerusalém do Pau-Mulato

Pereira (2009 p. 56) cita Foucault (1987), “que o comportamento positivo do professor para com o aluno, ao contrário das punições, era mais proveitoso, visto que elevava a autoestima deste”.

 O ser humano está apto a compreender sistematicamente o que lhe é ensinado, portanto, não pode deixar de estimular o lado humano dos mesmos. Sendo assim, toda informação passada à criança, de maneira clara, de quais são as maleficências do bullying, elas compreenderão e passarão a não usá-las com tanta intensidade.

E continuando, pedimos ao profissional que respondeu positivamente a questão anterior, citar uma forma de banir o Bullying na escola. Então ele pronunciou: “Um maior esclarecimento sobre o assunto”.

Segundo Fante (2005):

(...) os nossos professores ainda não sabem distinguir entre condutas violentas e brincadeiras próprias da idade, bem como lhes falta preparo para identificar, diagnosticar e desenvolver estratégias pedagógicas para enfrentar os problemas do bullying. (FANTE 2005 p. 67)

Muito se ouve falar sobre o fenômeno bullying, só que ainda são poucas as informações sobre como combater, as formas de estratégias que um profissional de educação deve desenvolver para trabalhar na escola, em resumo muito se fala, mas pouco são os recursos que se tem para lidar com o assunto dentro de sala de aula.

E para finalizar esta pesquisa de campo e as três fases do processo de investigação, perguntamos aos professores que caracterizassem o bully (agressor). O primeiro professor respondeu: “De maneira agressiva e desrespeitosa com as pessoas” e o segundo profissional afirmou que: “Na maioria das vezes, depende muito de como a criança é tratada em casa, pois muitas crianças sofrem agressões por pessoas maiores ou com mais idade, não tendo como vingarem-se dos agressores, as mesmas agem de maneira tímida ou agressiva com colegas, conhecidos ou até mesmo professores”.

Aramis Lopes Neto (2005) traz, em sua definição sobre os agressores de bullying, que:

“É tipicamente popular; tende a desenvolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que o alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros [...]. São menos satisfeitos com a escola e a família, têm maior tendência a apresentarem comportamentos de risco como consumir álcool, tabaco ou outras drogas, portar armas, brigar, etc. [...] (LOPES NETO 2005 p. S167).

Na adolescência e principalmente antes da puberdade que os jovens começam a demonstrar atitudes fora do comum, é por isso que o autor enfatiza de que ele é o mais popular, mais forte que o outro. Neto (2005) e Fante (2005) discordam quanto à popularidade do agressor. Lopes Neto afirma que o agressor é tipicamente popular, já Fante discordando afirma que “o agressor costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia” (FANTE 2005 p.73).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES**

Tanto a pesquisa quanto o tema abordado, relacionam à realidade da escola, que foi o foco da pesquisa, onde se pode comprovar que a realidade vivenciada não se difere da realidade das cidades. Investigamos a influência e interferência familiar na prática do bullying, questionamos o preparo do profissional para reconhecer e combater a prática do bullying e ainda identificamos o que leva a criança e ao adolescente a praticar a violência física no âmbito escolar os estudos contribuem com as mudanças que se quer dentro das escolas.

Atualmente, vivemos cada dia mais reféns da violência. Sob esse ponto de vista e tendo como vivência própria os efeitos dessa mudança comportamental dos seres humanos, onde valores de respeito com os semelhantes estão cada vez mais obsoletos, onde atos infames, medíocres, covardes e violentos, cresceram e se disseminaram de forma avassaladora em todas as partes do planeta. E, estas atitudes vão desde aquela educação básica, como um simples bom dia, até as últimas consequências, como exemplo se pode citar crimes dolosos revelados diariamente nos meios de comunicação audiovisuais. É importante destacar que estas atitudes chegaram às escolas de uma forma mais agressiva, e vale ressaltar que não é de hoje que acontecem casos de vandalismos, ataques, sobretudo em pessoas, neste caso, alunos, professores, diretores e demais pessoas envolvidas no cotidiano escolar, onde recebem a denominação de Bullying.

É importante salientar que a conscientização plena do Bullying é necessária para que haja a transformação do fenômeno. O espaço escolar deve ser percebido como um local de troca entre todas as pessoas envolvidas no processo. Nesta troca podem ser reconhecidos comportamentos não justificados nas relações interpessoais.

Quando detectada prematuramente a falta de princípios morais e éticos nos agentes do processo escolar, fica mais fácil o combate do fenômeno Bullying. Ações que visem o trabalho em grupo e que valorizem o respeito às diferenças, podem ser tomados no dia a dia da vida. O olhar atento verifica com facilidade ações que podem parecer corriqueiras, mas que ao longo de algum tempo, podem gerar conflitos hediondos e irreversíveis. Quando o pai ensina ao filho, de forma empírica, que se devem respeitar os mais velhos, ou que ao cumprimentar as pessoas, olhando-as nos olhos, você cria um vínculo emocional com o seu interlocutor, ele repassa valores que serão incorporados de forma indelével no seu filho.

Já no ambiente escolar, os profissionais de educação podem optar por procedimentos metodológicos que primem pela interação social, incluindo todos na realização das tarefas postas pelas relações com os saberes das práticas de bom convívio social, objetivando dar voz e vez para todos os alunos, sem distinção de qualquer ordem, respeitando o seu papel como produtor de saberes próprios com suas possibilidades de se apropriarem de conceitos que estimulem as relações interpessoais e intrapessoais. Portanto, devem permitir aos alunos analisarem de que modo as relações sociais se constituíram no passado, como são no presente, para que sejam construídas de uma forma livre de preconceitos no futuro. Os alunos se relacionarão consigo mesmos, com os outros e com o mundo em que vivem, manifestando seus valores éticos e morais, sendo possível refletir sobre eles, contribuindo para um entendimento mais amplo do Bullying.

Quando falamos de Bullying, precisamos ter em mente, que o problema é complexo, e todos os envolvidos, tanto o agressor como o agredido, apresentam sequelas. O envolvimento da família, da comunidade, da escola e seus profissionais, buscando tomar consciência do problema e resolvê-lo é imprescindível. Para tanto, ações preventivas e paliativas devem ser tomadas, no sentido de impedir este tipo de violência, protegendo as crianças e jovens, propiciando um ambiente saudável para crescerem e se desenvolverem.

Diante do esforço para mudar uma realidade, é preciso à conscientização plena do problema, que só pode ser obtida através de estudos da prática do Bullying a serem transformados em ações adequadas à boa convivência social.

As pessoas precisam compreender o Bullying e assumir plenamente a sua condição de participantes na construção de um pensamento igualitário, que respeita a pluralidade de costumes e valores, delimitando coerentemente os direitos e deveres indispensáveis para o convívio social. É preciso passar de simples observador indiferente ao participante ativo no combate ao fenômeno Bullying.

Com profissionais habilitados e preparados, pais participativos e informados a respeito do fenômeno, não é difícil levar crianças e adolescentes a atingir plena consciência do problema, envolvendo-os e incluindo-os na transformação do mundo, valorizando atitude como ética, cidadania, liberdade, justiça, solidariedade, tolerância, diálogo, respeito ao próximo e a si mesmo, entre outros. Afinal, nós somos o que protegemos, e proteger significa livrar das garras da ignorância discriminatória nossas futuras gerações.

**REFERÊNCIAS**

­

ALVES, Rubem. **Educação dos Sentidos**. Campinas: Verus Editora, 2005.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do Amor**. São Paulo: Editora Gente, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Amizade**. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Editora Gente, 2008.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying, como combatê-lo?** Prevenir e enfrentar a violência entre jovens. SP: Itália Nova editora, 2004.

CURY, A.J. **Inteligência multifocal**: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores. São Paulo: Cultrix, 1998.

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz.** São Paulo: Verus Editora, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Org. e tradução Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

GOMIDE, P.I.C. **A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. Psicologia: *Reflexão e Crítica****.* [Online] v.13, n.1, p. S127-S141, 2000. Disponível em: www.scielo.br/scielo. [Acesso em mar. de 2006].

KAMMI, Constance. **Novas perspectivas.** Implicações da Teoria de Piaget. 5ª ed. Campinas, Papirus, 1996.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying – comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de Pediatria, vol. 81, nº 5. Porto Alegre, nov. 2005, p. S164-S172. Disponível em: www.scielo.br/pdf/jped/v81n5 s0/v81n5Sa06.pdf.

MICHAUD, Yves. **A violência.** Tradução L. Garcia. São Paulo: Ática, 2001.

PAREDES, Eugenia Coelho; SAUL, Lea Lima; BIANCHI, Kátia Simone da Rosa. **Violência: o que têm a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana.** Cuiabá: EdUFMT/FPEMAT, 2006

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar:** São Paulo: Paulus, 2009

RESENDE, Helder G.; SOARES, Antonio J. G. **Elementos constitutivos de uma proposta curricular para o ensino-aprendizagem da Educação Física na escola: um estudo de caso. Perspectivas em Educação Física Escolar.** Niterói-RJ, EDUFF, v.1, p.29-40, mar, 1997.

SAVIANI, Cláudio. **Jung e a Educação**: Uma análise da relação professor/aluno.

TAYLOR, Maureen. **Bullying e Desrespeito**: Como Acabar com Essa Cultura na Escola. Artmed, 2006.